

Rodrigo Diego da Silva

Teorias Éticas.

Trabalho apresentado ao Prof. Dr. Lourenço Stelio Rega, por exigência da matéria Ética e Bioética Aplicada do curso de Integralização de Créditos – Bacharel em Teologia.

Prof. Dr. Lourenço Stelio Rega.

Faculdade Teológica Batista de São Paulo

São Paulo – Maio/2012

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma breve pesquisa no campo da ética, no que diz respeito às teorias éticas comumente estudadas no campo acadêmico. Essas teorias são numerosas e seus autores, ao longo da história, elaboram visões filosóficas diferentes do mundo, dentro de um contexto pluralista. Numa sociedade pluralista como a que vivemos, é fundamental a existência de valores éticos definidos que norteiem a conduta humana. Nesta breve pesquisa apresentamos algumas das principais filosofias éticas e seus autores.

Palavras-chave: ética, valores, universais, conduta.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 TEORIAS ÉTICAS	5
1.1 O ANTINOMISMO: NÃO HÁ NORMAS	5
1.2 KIERKEGAARD TRANSCENDE A ÉTICA	5
1.3 NIETZSCHE TRANSVALORIZA A ÉTICA	5
1.4 O EXISTENCIALISMO – SARTRE REJEITA O ÉTICO	5
1.5 O EMOTIVISMO – AYER E A ELIMINAÇÃO DA ÉTICA	5
1.6 O GENERALISMO – NÃO HÁ NORMAS UNIVERSAIS – O UTILITARISMO	6
1.7 JEREMY BENTHAN E O UTILITARISMO QUANTITATIVO	7
1.8 JOHN STUART MILL E O UTILITARISMO QUALITATIVO	7
1.9 G.E. MOORE, AS REGRAS GERAIS E A OBEDIÊNCIA UNIVERSAL	7
2 O SITUACIONISMO – HÁ UMA NORMA UNIVERSAL	7
2.1 O SITUACIONISMO – HÁ UMA NORMA UNIVERSAL.....	7
2.2 O ABSOLUTISMO – HÁ MUITAS NORMAS UNIVERSAIS NÃO CONFLITANTES.....	7
2.3 O ABSOLUTISMO IDEAL – HÁ MUITAS NORMAS UNIVERSAIS CONFLITANTES	10
2.4 O HIERARQUISMO – HÁ NORMAS UNIVERSAIS HIERARQUICAMENTE ORDENADAS	13
CONCLUSÃO	14
BIBLIOGRAFIA	15

Introdução

O termo "ética", num ponto de vista mais abrangente, implica em um exame dos hábitos e atitudes da espécie humana e do seu caráter em geral, e envolve até mesmo uma narração descritiva destes hábitos humanos em sociedades específicas, e, em diferentes períodos da história. Por se tratar de um campo de estudos vasto os assuntos éticos freqüentemente se relacionam com outras disciplinas, tais como, filosofia, antropologia, sociologia, teologia, etc. tendo como objetivo formar um material consistente no que diz respeito ao viver ético dos seres humanos em épocas diferentes de sua história. Este campo ético é bem interessante, pois todo ser humano tende a "julgar" ou mesmo a "avaliar" o comportamento dos outros que o cercam com base em sua própria conduta ética de vida.

1 Teorias Éticas

Há diversas maneiras de agrupar as teorias éticas. Os historiadores da moral distinguem várias dezenas.

1.1 O Antinomismo: Não Há Normas

Pensamento ético que diz não possuir normas éticas objetivas, ou seja, sem lei (Antinomias). As pseudo-normas alegadas podem ser definidas como puramente subjetivas ou até mesmo emotivas, entre as mais conhecidas figuram o existencialismo e o emotivismo, cada qual com seus devidos representantes.

1.2 Kierkegaard Transcende a Ética

Este não foi propriamente um antinomista, pois acreditava na lei moral e até mesmo em sua obrigatoriedade universal. Para ele, caso houvesse conflito entre o ético e o religioso, o ético deveria ser suspenso diante do dever religioso, observando-se diretamente a Deus, ou seja, uma transcendência antinomista do que é ético.

1.3 Nietzsche Transvaloriza a Ética

Nietzsche por sua vez transvaloriza a ética, sobretudo que o tanto o ético como o religioso devem ser transvalorizados – Deus e todos os valores tradicionais caíram. Deus morreu, e todos os valores teístas morreram com ele. Nietzsche denominava a si mesmo como o primeiro imoralista reservando suas palavras mais amargas para ética cristã.

1.4 O existencialismo – Sartre Rejeita o Ético

O existencialismo de Sartre, dando continuidade ao antinomismo, rejeita o ético. Sartre declara que tudo é completamente amoral para todos os homens. Diz que o homem tem uma sede insaciável, porém fútil, por Deus, mas seu projeto é tornar-se Deus. Na realidade Sartre acredita que não há nada, no sentido de preceito ético, que um homem deva levar a sério. Seu existencialismo “deve levar-nos a repudiar o espírito da seriedade, e de achar uma base ou justificativa relevante para vida”.

1.5 O Emotivismo – Ayer e a Eliminação da Ética

O emotivismo de Ayer acaba por tentar eliminar padrões éticos. Ayer condena todas as declarações metafísicas acerca da substância, na realidade da existência de Deus, considerando-as contraditórias – nega que haja qualquer significado cognitivo na própria palavra “Deus” na pergunta acerca de sua existência. As normas éticas são emotivas, mas não

possuem caráter normativo. Um exemplo claro é o do “dever”, que acaba por ser aniquilado, “Você não deve roubar”, realmente significa “Eu não gosto de roubar”.

1.6 O Generalismo – Não há normas Universais – o Utilitarismo

O generalismo, buscando evitar o antinomismo, defende que não há regras universais – entre eles figura o utilitarismo. Os utilitaristas não são antinomistas, já que acreditam no valor das normas éticas e em sua ajuda em determinar qual ação trará o máximo bem para o maior número de indivíduos; eles também são absolutistas, pois repudiam normas universais que representam valores intrínsecos.

Os generalistas acreditam no valor das normas éticas para ajudar o indivíduo a determinar qual a ação provavelmente trará o máximo bem para o maior número de pessoas.

Em resumo há “regras”, “crenças” e “códigos” morais válidos para guiar decisões humanas na direção de aumentar ao máximo o bem na sociedade, mas nenhuma destas regras é universal.

Nenhuma delas está isenta de exceções; todas elas devem ser quebradas em prol do princípio da utilidade, ou seja “os fins justificam os meios”. O generalismo explicado diz que quebrar qualquer regra ética leva a mais mal do que bem. O ato não é julgado pelo seu valor e sim pelo seu resultado.

De acordo com o generalismo, o ato de matar um ser humano pode ser justificado pelos fins. Se é para a finalidade que trará um bem para o maior número de pessoas, segundo esta norma ética, seria permitido. O generalismo, buscando evitar o antinomismo, defende que não há regras universais – entre eles figura o utilitarismo. Os utilitaristas não são antinomistas, já que acreditam no valor das normas éticas e em sua ajuda em determinar qual ação trará o máximo bem para o maior número de indivíduos; eles também são absolutistas, pois repudiam normas universais que representam valores intrínsecos.

Segue-se a linha de pensamento utilitarista o Utilitarismo Quantitativo. A escola utilitarista é herdeira dos hedonistas, que acreditavam que o prazer é o sumo bem. “A natureza colocou a humanidade sob o governo de dois mestres: a dor e o prazer, e cabe a eles, e a eles somente, indicar o que devemos fazer, bem como o que faremos” - essa afirmação denominou o “princípio da utilidade”. Daí passa-se a quantificar tanto a dor como o prazer nas decisões tomadas ou a serem tomadas. Existe também a linha do utilitarismo qualitativo, na qual ao invés de medir-se a quantidade mede-se a qualidade ou os aspectos inerentes a dor e ao prazer.

1.7 *Jeremy Bentham e o Utilitarismo Quantitativo*

Segue-se a linha de pensamento utilitarista o Utilitarismo Quantitativo. A escola utilitarista é herdeira dos hedonistas, que acreditavam que o prazer é o sumo bem. “A natureza colocou a humanidade sob o governo de dois mestres: a dor e o prazer, e cabe a eles, e a eles somente, indicar o que devemos fazer, bem como o que faremos” - essa afirmação denominou o “princípio da utilidade”. Daí passa-se a quantificar tanto a dor como o prazer nas decisões tomadas ou a serem tomadas.

1.8 *John Stuart Mill e o Utilitarismo Qualitativo*

Existe também a linha do utilitarismo qualitativo, na qual ao invés de medir-se a quantidade mede-se a qualidade ou os aspectos inerentes a dor e ao prazer.

1.9 *G.E. Moore, as Regras Gerais e a Obediência Universal*

-.

2 O Situacionismo – Há uma Norma Universal

-.

2.1 *O Situacionismo – Há uma Norma Universal*

O situacionismo procura mostrar que existe uma só lei – a lei do amor, norma absoluta que pode ser aplicada a qualquer situação ética. Enquanto o legalista prega o amor o dever, o situacionista prega o dever do amor; sendo que somente o amor é categoricamente bom. Para um de seus principais autores, Fletcher, o oposto de amor não é o ódio, mas sim a indiferença. Além disso, o amor deseja o bem do próximo, quer gostemos dele ou não – o amor é uma atitude e não um sentimento.

2.2 *O Absolutismo – Há muitas Normas Universais Não Conflitantes*

Existem dois tipos básicos de absolutismo tradicional, o primeiro costuma afirmar que muitas normas absolutas jamais entram em conflito: chama-se absolutismo não conflitante. Um segundo ponto de vista é o absolutismo ideal, nele afirma-se existir muitas normas universais conflitantes e propõe uma hierarquia de normas para estabelecer o resultado entre s conflitos existentes.

Observamos que o antinomismo exclui as normas éticas objetivas. O situacionista, por sua vez, escolhe uma norma exclusiva de natureza absoluta. O generalista vê todas as normas como sujeitas a exceções. O absolutismo não conflitante afirma que as normas nunca

conflitam realmente entre si e que há sempre uma via de escape para os aparentes dilemas. O absolutismo ideal sustenta que, quando há um conflito de normas, o mal se torna inevitável, porém desculpável ou perdoável. No hierarquismo, a pessoa não é culpada por quebrar uma norma inferior, tendo em vista o dever superior de escolher uma norma mais elevada.

Provavelmente a posição mais comum entre os absolutistas tradicionais é sustentar ou dar a entender que há muitas normas absolutas que nunca realmente entram em conflito. Cada norma abrange sua área de experiência humana e nunca entra em conflito real com outra norma absoluta.

Entre os absolutistas tradicionais não há unanimidade quanto ao número de normas universais, mas todos concordam que há uma pluralidade de normas. O problema naturalmente é como estas normas se relacionam entre si, mormente quando há conflito aparente entre elas.

Platão idéias universais da moralidade:

- As formas universais:
 - ..há, por exemplo, no âmbito moral a idéia da justiça e a das virtudes coordenadas. Estas idéias ou formas são todas fixas, e eternas. Como imutáveis não são sujeitas a morte ou a decadência. **Age em função das virtudes imutáveis.**
 - **Visar aquilo que a pessoa crer ser mau, ao invés de visar o bem, não está, segundo parece, dentro da natureza humana, e ninguém ao ser confrontado com uma escolha entre dois males, escolherá o maior quando poderia escolher o menor**
- Algumas virtudes absolutas básicas, contém o bem, mas não é o bem (Sol), não têm “luz própria”:
 - A coragem;
 - A despeito da dor ou do prazer. Temendo ou não.
 - A temperança;
 - Em síntese, um homem temperado quando sua razão governa seu espírito e seus apetites.
 - A sabedoria;
 - Em síntese, um homem sábio quando sua razão governa seu espírito e seus apetites.
 - A Justiça:

- É a qualidade que torna possível para as três que já consideramos, a sabedoria, a coragem e a temperança tomarem seu lugar na comunidade...
- A justiça é o princípio de cada um deve fazer seu próprio trabalho sem interferir com os outros. **Não existe conflito.**
- Platão se posiciona contra:
 - Relativismo Protagoriano
 - “O homem é a medida de todas as coisas.”
 - Visão individual, “eu acho, eu penso assim, eu vejo isso...”
 - Doutrina de fluxo de Cratílo
 - “Tudo está em um processo de transição e nada há de permanente.”
 - **É absoluto.**

Resolvendo o conflito das formas de virtude: Todas as virtudes acham sua unidade no conhecimento do bem. Ou seja: as muitas formas do bem acham sua unidade na Super Forma, o bem, que é a fonte de toda a bondade. A despeito desta alegada unidade das virtudes no bem Platão esforçou-se para demonstrar, e com sucesso debatível, que as formas separadas da virtude na terra não coincidiam entre si nem se contradiziam. Assim como as muitas partes de um rosto são um rosto só. Não existe conflito.

Emanuel Kant. O imperativo categórico:

Argumentava em favor de uma pluralidade de princípios morais tirados do senso de dever absoluto que a pessoa tem. Acreditava que havia deveres incondicionais que os homens deviam cumprir e aos quais sempre era errado desobedecer. Seria errado escolher o mau maior. Ao contrário de Platão, Kant não crê que as bases empíricas prestem para qualquer legislação externa universal. Observar uma pessoa que opta pelo mal menor, não é suficiente para estabelecer uma regra externa universal, nem interna (algo geral, ou individual).

Ao contrário de Platão, Kant crê no relativismo, porque cada homem faz seu próprio assunto o fundamento para sua inclinação, e em cada pessoa ora é um, ora é outro que tem preponderância. Ao contrário de Platão, Kant diz que descobrir uma lei que governaria a todos eles, trazendo-os a um unísono é absolutamente impossível. Por isso não há conflitos, não existe regra maior, no caso de Platão isso se dá no bem e nas formas de bondade, que são as virtudes absolutas.

- Amor ao dever x Felicidade:
 - Há um **mandamento incondicional** no sentido de fazer o que é certo quer nos agrade quer não.

- “Duas coisas me espantam, o céu estrelado acima de mim e a **consciência moral** dentro de mim.”
- ... quer nos agrade quer não – Por exemplo uma pessoa que está comendo um lanche e vê alguém passando fome e se sente constrangido a ajudar:
 - Se o faz, agiu pela consciência moral (Amor ao dever);
 - Se não o faz, agiu em busca de felicidade própria.
- Normas absolutas e invioláveis para a conduta humana:
 - A proibição do assassinato;
 - Contar a verdade.
- Surge a problemática:
 - O que, pois, acontece se a pessoa ficar na situação em que poderia salvar uma vida por meio de contar uma mentira? **Essa não seria uma mentira legítima?** E se seria justificável mentir, então como a mentira pode ser universalmente errada?

Abre mão da verdade, ou o assassinato está certo? Visto que ambos são padrões morais universais, estão no mesmo patamar. Kant não aceita nenhuma destas alternativas ele retém a natureza absoluta das duas normas:

- A pessoa nunca deve contar uma mentira. Nem que seja para salvar uma vida.
- Se alguém morre em prol da verdade ele não é moralmente culpado.
- Não existe conflito.
- “Cada absoluto moral tem seu domínio e nunca entra realmente em conflito com outro princípio moral; nunca, força o indivíduo a quebrar um absoluto.”

2.3 O Absolutismo Ideal – Há muitas Normas Universais Conflitantes

Há três posições que argumentam em pro de muitas normas absolutas:

- O Absolutismo não conflitante, que sustenta que estas muitas normas nunca entram realmente em conflito; (**Aparente**).
- O Hierarquismo, que diz que algumas normas são mais altas do que outras; (**Real**).
- O Absolutismo ideal, que argumenta que às vezes estas normas entram em conflito. (**Real**).

Doutrinas básicas do absolutismo ideal:

- Há muitas normas absolutas, muitos princípios éticos que nunca devem ser quebrados, esta base pode ser filosófica ou teológica.
- É sempre errado quebrar uma norma absoluta. Diferente do hierarquismo que está disposto a aprovar eticamente o passar por cima de normas inferiores.

Derivações (Associadas) do absolutismo ideal. Idealmente as Normas absolutas não entram em conflito, as muitas normas são projetadas para não conflitar entre si. Cada uma tem sua própria esfera separada de atividade humana que não deve coincidir parcialmente com a de outra. Falando idealmente, a intenção de ter várias normas é que cada uma deva abranger uma determinada área dos relacionamentos humanos sem violar outras áreas. Por exemplo: A mentira tem a ver com o relacionamento da verdade; o furto, com o relacionamento da propriedade; o adultério, com o relacionamento do casamento; e assim por diante.

Se o conflito das normas nem foi pretendido nem é necessário pela natureza das coisas, então como veio a acontecer? A resposta cristã a isto é chamada a depravação. O homem é pecaminoso e vive entre homens pecaminosos. Em síntese, é logicamente possível, e em muitos casos bem provável, que não haveria nenhum conflito de normas morais se não fosse quebrada alguma norma antecedente. (Abriu precedentes.)

Deve não subentende pode: Porque a culpa ou a censura deve recair sobre a pessoas que não podia agir de outra forma? Porque não colocar a culpa naqueles que cometeram os males antecedentes? Ou seja: porque um individuo no dilema moral deve ser tido por responsável por fazer o melhor que podia numa situação ruim que foi criada pelos atos malignos doutra pessoa? “Deve” não subentende necessariamente “pode”. Pode haver responsabilidade moral ainda quando não é possível realizar aquilo que a pessoa deve fazer. (Kant estava errado ao dizer “Devo, portanto, posso”).

Fazer o menor de dois males é desculpável: Posto que todas as possíveis alternativas sejam más, o melhor que se pode esperar nas circunstancias é fazer o menor dos males disponíveis. No entanto, supondo que o individuo não causou seu próprio dilema por males antecedentes dele próprio, a opção menor-de-dois-males pode ser considerada desculpável. Não está realmente livre da culpa, mas sua resposta é compreensível e até mesmo perdoável. Pode ser perguntada por quais motivos, exatamente, semelhante escolha de um mal menor pode ser “perdoada”, visto que é um mal pelo qual a pessoa é considerada culpada. De um modo moralista geral a resposta especificamente cristã é a graça ou perdão divino, misericórdia, longanimidade.

Alguns exemplos:

- Amor materno vs. O amor conjugal

- O que deveria ter feito a mãe alemã grávida que não poderia voltar a sua família a não ser que ficasse grávida no seu campo de concentração russo?
- Há um conflito nítido entre seu dever de cuidar de sua família e sua fidelidade sexual ao seu marido.
- A fornicação em prol da pátria
 - Se a prostituição fosse a única maneira pela qual se pudessem obter informações vitais de espionagem, que poderia as vidas de muitos soldados, ou até mesmo de salvar a pátria, então o que se deve fazer?
 - Novamente uma cena clara de um conflito moral.
- O Assassinato vs. A Misericórdia
 - Certamente nenhum homem moral tem o prazer de tirar a vida de qualquer outro ser humano, sejam quais forem as circunstâncias. Mesmo assim quando se trata de ser humanitário e misericordioso a esta pessoa, vs. o desejo e o dever de não tirar a vida a outra pessoa, fica-se confrontado por um dilema moral.
 - Por exemplo, o pedido de um homem desesperançosamente preso num avião em chamas que roga que lhe seja dado um golpe de misericórdia.

Algumas contribuições positivas: O absolutismo ideal pode ser recomendado por várias coisas. É uma tentativa para conservar uma base inabalável para a conduta humana. Procura tratar dos problemas das normas conflitantes.

Além disto, ao fazer assim, lança muita luz sobre a natureza da culpa, da responsabilidade e do perdão; especialmente de um ponto de vista cristão. Finalmente fornece uma solução sem fazer exceções a normas.

- Principais contribuições:
 - O desejo de conservar muitos absolutos;
 - Alguma luz lançada sobre a natureza da responsabilidade e da graça;
 - Uma solução sem exceções.

Algumas dificuldades sérias com o absolutismo ideal: Apesar do seu apelo àqueles que procuram algo definitivo e simples, o absolutismo ideal tem algumas dificuldades graves. Nem todas as normas éticas possuem a qualidade de definitiva ou a universalidade, e as decisões éticas não são sempre simples.

Um problema cristológico sério: Talvez a objeção mais relevante ao absolutismo ideal, do ponto de vista cristão, seja que tornaria a impecabilidade de Cristo, ou impossível, ou sem significado como paradigma da moralidade cristã. Se há situações morais em que o pecado é realmente inevitável, neste caso Cristo certamente as enfrentou e Ele mesmo é pacaminoso. Mas se pecou, então não é o Salvador impecável que o NT alega que Ele é.

2.4 O Hierarquismo – Há Normas Universais Hierarquicamente Ordenadas

-.

Conclusão

-.

Bibliografia

1. BÍBLIA DE ESTUDOS PLENITUDE, 1526p.
2. BÍBLIA DE ESTUDOS SHEDD, 1938p.
3. PRAXIS-Crista *In*: <http://praxis-crista.blogspot.com>
4. Ética Cristã Alternativas e Questões Contemporâneas Norman L. Geisler 232 p
5. Fundamentos da Ética e da bioética: MARINO JR., Marino. Em busca de uma bioética global – Princípios para uma moral mundial e universal e de uma medicina mais humana. São Paulo: Hagnos, 2009. Capítulo 3.